

## POESIA E CAMPONESES\*

À primeira vista, parece haver aqui uma incontornável incompatibilidade entre estas duas realidades. A nossa experiência quotidiana ensina-nos (mal), que os homens e as mulheres que lidam directamente com a terra são desprovidos de sensibilidade estética, muito menos poética. As urgências e as agruras da sua (ainda) musculada actividade fazem-nos acreditar que das suas mãos calosas, dos seus olhos castigados pelo sol, pelo vento e pela chuva, do seu espírito refém da circularidade das estações e da imprevisibilidade do tempo, tudo podemos esperar, menos arte, muito menos poesia. Puro engano.

Desde as suas origens remotas, a actividade agrícola e o meio onde ela se desenvolvia inspiraram algumas das mais notáveis criações da imaginação. Assim foi na Mesopotâmia, na Índia, na Grécia, no Egipto Antigo, no lugar que mais tarde será o México, etc. Inicialmente essas criações eram dominadas pelo sagrado (pense-se nos templos e nos ídolos que ainda hoje nos fazem arregalar os olhos de um espanto quase místico), tal era a preocupação dos antigos agricultores com a acção benfazeja dos deuses. Gradualmente, essa arte carregada de religiosidade iria redimensionar-se no profano legando à posteridade verdadeiras preciosidades em que a relação com a terra se institui como factor estruturante. Surgida no século IV a.C., na Grécia, a poesia bucólica, por exemplo, apesar da sua vocação contemplativa, é um hino à vida campestre.

Este meu devaneio inicial foi provocado pelo simples facto de ter participado, há semanas atrás, num júri de poesia organizado pela União Nacional de Camponeses (UNAC) que teve como lema «Semente património dos povos ao serviço da humanidade». Experiência singular esta cujo corolário foi o sarau cultural realizado numa colorida, sonora e animada manhã de sábado, no Jardim Tunduru, um dos maiores *ex-libris* desta cidade que só a manifesta ignorância e insensibilidade conseguem mantê-lo naquele estado.

Mais singular e mais significativo foi ter no júri uma ilustre camponesa de Marracuene. É verdade que não eram propriamente camponeses os jovens que merecidamente colocaram os seus poemas nos primeiros três lugares. É verdade, também, que uma motivação extra-artística esteve claramente por detrás de toda esta iniciativa, numa altura em que, paradoxalmente, apesar do salto tecnológico e científico, nunca o homem e a terra estiveram tão ameaçados. Daí que o gesto desta agremiação adquira significado e valor inestimáveis.

\* Revista *Proler*, n.º 10, Maputo, Novembro-Dezembro de 2003.

Contudo, não é menos verdade que ao recorrer ao teatro, ao canto e à poesia para veicular a mensagem que lhe interessava veicular, a UNAC deu uma lição àqueles que obviamente a quiserem aprender, de que o que verdadeiramente distingue os seres de eleição, verdadeiros construtores das civilizações, é a sua relação com a cultura, com as criações do espírito que nos hão-de sobreviver e perpetuar. Tudo o resto é contingente, precário e efémero.